

*Discurso na cerimônia de entrega do Prêmio
Incentivo à Educação Fundamental e
lançamento oficial dos Parâmetros
Curriculares Nacionais da 5ª à 8ª série*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 15 DE OUTUBRO DE 1998

Meu caro Ministro, Paulo Renato; Ministro Clóvis Carvalho; Deputado Inocêncio de Oliveira; Senhor Carlos Lovatelli; Doutor Rui Altenfelder, da Fundação Moinho Santista; Senhores membros das comissões organizadora e julgadora; Senhoras Professoras premiadas; Senhoras e Senhores.

Parece que, desta vez, pelo que disse o próprio Ministro Paulo Renato, nós, realmente, temos o que comemorar.

Em primeiro lugar, vamos comemorar as medalhas, aqui recebidas, e agradecer mais uma vez à Fundação Moinho Santista, que aumentou de 10 para 15 o número dos que são premiados, hoje. Eu notei que o Ministro Paulo Renato ficou, assim, um pouco na dúvida, ao dizer que apenas mulheres tinham ganhado este ano. Eu fiquei satisfeitíssimo.

Acho que nós temos mostrado que, no Brasil, a participação das mulheres tem se destacado, extraordinariamente. Se bem, é verdade, que no ensino isso é tradicional – não é só no ensino. Aqui, hoje, se reafirma essa dedicação extraordinária das mulheres ao ensino brasileiro e à capacidade criativa. Eu estava prestando atenção aos nomes dos projetos premiados, extremamente significativos. Alguns me deram

vontade de ler. Não tenho mais tempo de ler. Daqui a pouco, vou desaperder a ler, de tanto trabalho que tenho. Mas acho que com os parâmetros curriculares, agora, se eu conseguir aprender alguma coisa, vou poder ler e vou ler os trabalhos de vocês, pelo menos alguns deles, com a maior alegria.

Mas, quero, realmente, felicitá-las. Acho que, o que nós temos que fazer no Brasil é encorajar, cada vez mais, as pessoas que têm talento, para que continuem trabalhando, e distingui-las. Acho que umas das funções do Ministério da Educação, e com a ajuda, muito expressiva, da Fundação Moinho Santista, é precisamente o de ressaltar o mérito. Creio que, se houve um esforço, grande, e houve, neste Governo, no Ministério da Educação, foi precisamente um esforço contra a mediocrização. Foi chamar a atenção, para o fato de que nós precisamos ter gente mais competitiva – não no sentido daninho da competição – mas, no sentido positivo, do estímulo, para que as pessoas se aperfeiçoem mais. E, este passo, que aqui está sendo mostrado, também, dos parâmetros curriculares é fundamental nessa mesma direção, porque é o estímulo adicional ao professor. E é, ao mesmo tempo, um marco, porque nós estávamos há muitos anos no Brasil sem perceber que houvesse rumo na nossa educação. E o rumo na democracia não pode ser imposto, tem que ser um rumo estimulado. Esses parâmetros constituem, precisamente, um estímulo para que o professor possa, realmente, melhorar e possa, portanto, transmitir de uma maneira mais adequada os seus conhecimentos ao aluno. Eu atribuo a esses parâmetros um papel extraordinário na melhoria da qualidade do ensino no Brasil.

E tenho dito, muitas vezes – mas não custa repetir – que nosso grande desafio começa a deixar de ser da quantidade, para ser da qualidade. Nós, hoje, já temos 96% das nossas crianças nas escolas, em grande medida graças aos esforços do Ministro, do Ministério, dos professores e da sociedade brasileira. É preciso que elas fiquem na escola. Não adianta matricular, é preciso que permaneçam na escola. E, para permanecer na escola – eu sei que a merenda escolar é importante, mas não é suficiente – é preciso que haja uma motivação, também direta, no que diz respeito ao aprendizado. E daí a importância de que nós esteja-

mos melhorando a qualidade do ensino, a qualidade do nosso professorado, não só através desses parâmetros curriculares, que, repito, me parecem ser um marco na educação brasileira, mas também através da utilização da técnica de ensino a distância. O fato de nós termos 50 mil escolas, hoje, com programas de televisão dedicados ao ensino, à melhoria da qualidade do professor e do ensino, também é uma coisa que, creio, é muito e muito importante.

Acho que nestes quase quatro anos em que o Ministro Paulo Renato esteve à frente do Ministério da Educação – e continuará – ele prestou um serviço extraordinário, porque motivou o Ministério. É uma equipe grande – muitos eu não conheço, muitos eu conheço. Até mesmo os que trabalham nos parâmetros, diretamente, eu conheço, porque sempre tive interesse pela matéria. Mas, há muitos que não conheço. Sei, entretanto, que estão extremamente motivados. Eu vi a preparação do programa sobre “Toda Criança na Escola”, o que eles chamam em inglês de *making of* do programa, e foi, realmente, uma coisa emocionante. O Brasil inteiro deveria ver a dedicação e alegria com que os funcionários do Ministério, além dos professores, se jogaram nessa tarefa de, realmente, transformar a educação – não retoricamente, mas na prática – numa prioridade nacional.

E os que trabalham na educação sabem que custa muito tempo e custou muito tempo chamar a atenção, até mesmo da imprensa, para o problema. Quantas vezes eu fui acionado pelo Ministro, para ver se, assim, despertava a atenção dos nossos meios de comunicação para os problemas da educação. Hoje, já existe uma consciência mais difundida disso. Até tive a alegria de ver, na *Folha de S. Paulo* – não cheguei a ler, porque não deu tempo – que o salário, em São Paulo, melhorou consideravelmente, tanto no ensino privado, quanto no ensino público. Mais ou menos. Mas acima da inflação, razoavelmente.

Os dados estão mostrando que lá estão bastante acima da inflação. Creio que é a primeira vez, há muito tempo, porque os aumentos eram aumentos que variavam com a inflação, e a inflação comia o aumento. Agora, estavelmente, pelo menos se eu acreditar nos números e na *Folha*. Na *Folha*, eu acredito, devo acreditar. E nos números, às vezes. Se

forem os dois verdadeiros, é um bom sinal que, no Dia do Professor, nós possamos dizer: bom, pelo menos, como disse o Ministro, caminhamos. Não é o suficiente, mas caminhamos.

Mas eu volto ao meu tema, que não era salário. Não está na hora boa de falar em salário. Era a qualidade do ensino. Acho que, nesse sentido, houve, realmente, um progresso muito grande e creio que é por aí que nós vamos ter que caminhar. O Ministro Paulo Renato anunciou, há pouco, que nós vamos avançar nesse mesmo esforço, de parâmetros, no ensino secundário, no ensino profissionalizante e no ensino superior.

Eu espero, se realmente tivermos condições – e, se não tivermos, vamos criá-las –, que, nos próximos anos, dada a bondade do povo brasileiro que me dá essa incumbência por mais quatro anos, que nós possamos fazer um esforço equivalente ao que foi feito no ensino básico, para os outros níveis de ensino e, mormente, no ensino superior.

Hoje é Dia do Professor e, aqui, nós todos somos professores. Levamos a vida nisso. Acho que está chegada a hora de a Universidade também pensar sobre ela própria, em termos de qualidade. É preciso que haja uma reflexão muito grande sobre essa questão. Acho que essa modificação do que seja o conteúdo do ensino é básica.

A mim sempre me preocupou muito, primeiro com uma experiência como aluno, depois como professor, o fato de que, em certas matérias, se repetia a mesma coisa infinitamente, nos vários níveis de educação sem, muitas vezes, nem sequer aprofundar muito o tema. Em algumas matérias, não se chegava, nunca, no ano inteiro, a cobrir toda a extensão delas. No ano seguinte, também não se cobria. No ano seguinte também não se cobria, e se repetia, se repetia, sem se chegar realmente a entender o porquê disso.

Por outro lado, quantas vezes eu próprio me insurgi, como professor, contra o fato de estarmos ensinando coisas que não têm mais sentido ensinar, que são dispensáveis, que não fazem mais parte da experiência vital dos nossos dias. Quanta matéria inútil se manteve no currículo brasileiro – e talvez se mantenha até hoje.

Acho que essa reflexão, que está sendo feita no ensino básico, precisa ser estendida ao ensino secundário e também ao ensino universitário.

Nós temos que ter coragem de simplificar, quando é necessário simplificar. E temos que entender também que a massificação do ensino – é isso que nós queremos – implica também modificações de métodos.

Eu sou formado numa tradição e numa escola que é extremamente exigente, digamos, quanto à qualidade. A USP. Numa época em que, hoje, seria até meio ridículo, as minhas aulas eram dadas em francês, em São Paulo, porque a elite era tão fechada e os professores vinham de fora. Hoje, isso não é uma coisa boa, é uma coisa ruim. Boa é a aula no nosso idioma, aula em português, como acontece, hoje, nas universidades todas. O que não quer dizer que não se deva saber outras línguas, mas era assim. E era aula dada para dez pessoas. Vinha um professor de fora do Brasil para treinar dez pessoas. Isso é inviável. Isso é para um país que não estava levando a educação, digamos, para o conjunto da sociedade, que selecionava uns poucos e queria transformar esses poucos em ilustrados. Transformava. E, muitas vezes, inutilmente, porque os ilustrados não tinham nem o que fazer mais, depois de tanta ilustração, se desligavam simplesmente da realidade nacional.

Hoje, é diferente. A realidade nacional está sendo treinada, está sendo socializada dentro de um espírito novo e isso é que é importante, de avançar. E nós temos que avançar também, enfim, com coragem nos vários temas e entender que a própria Universidade mudou muito e se massificou. Isso não é um mal. Isso é um bem. Agora, isso implica que se tenham outros tipos de formação pós-universitária em cursos de doutoramento, em curso de pós-doutoramento, aí sim, com um aprofundamento muito maior. E essa tarefa eu acho que, daqui por diante, nós temos que enfrentá-la.

De modo que eu queria agradecer a presença de todos, reiterar minhas felicitações e dizer que, não apenas o dia nos é grato, por ser o Dia do Professor, pelas distinções que receberam, pelo fato de termos os Parâmetros Curriculares, como porque nós estamos reconhecendo que, finalmente, no Brasil, se começou por onde se deve começar, que é o ensino básico, em vez de botar tudo de cabeça para baixo e imaginar que se resolveria o problema do Brasil formando, muito bem, uns poucos, na Universidade. Resolve-se o problema desses poucos, que é de-

mais, não precisaria que ninguém resolvesse. Se eles fossem muito bons e capazes mesmo, eles sozinhos resolveriam. Não é essa a nossa questão. A nossa questão é de resolver os problemas gerais da população do Brasil, de um ensinamento democratizado.

É preciso acabar com os fantasmas, sobretudo na Universidade. Ninguém vai privatizar Universidade nenhuma. Isso é luta política sem qualificação, para desqualificar os esforços feitos. Ninguém vai fazer isso. Nunca ninguém pensou nisso. O que precisa, realmente é, ao lado da Universidade pública haver a Universidade privada. E nós temos é que ampliar as condições de acesso, dar melhores oportunidades ao conjunto dos brasileiros para que, realmente, a educação seja democrática, e não podemos deixar, também, que a Universidade pública se transforme num bastião de poucos, para que esses poucos, então, se apropriem dos bens públicos e eles próprios se ilustrem, mas às expensas da capacidade de outros de ingressar nas escolas.

Temos que aumentar o acesso à escola pública, porque a escola privada, sozinha, não vai atender a todos. Nem pode, nem deve. Tem que haver uma complementaridade muito grande nessa matéria mas, certamente, o caminho que nós estamos levando adiante é o caminho que foi o caminho dos meus mestres Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes, que era o da democratização da escola no sentido profundo da qualidade do ensino, de dar acesso mesmo e, hoje, com a diferença de que ou se dá qualificação ou não vai ter emprego. Todo mundo sabe disso e não adianta ficar, simplesmente, fazendo discurso retórico. Temos que mudar as coisas, que é o que nós estamos fazendo, pelo menos no Ministério da Educação, com êxito.

Muitíssimo obrigado e parabéns a todos vocês.